

A TESOURA DE GUIMARÃES

PERIODICO POLITICO, INSTRUCTIVO, E NOTICIOSO

Redactor principal José Ignacio d'Abreu Vieira.

ASSIGNATURA.
(Sem estampilha.)
Por anno 2\$40C
" Semestre 1\$30C
" Trimestre 720

Publica-se todas as terças, e sextas feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados. Assigna-se, e vende-se no Escriptorio da Redacção, Rua da Caldeira, N.º 32. Preço de cada numero avulso 40 reis. No mesmo Escriptorio se recebem os annuncios, que deverão ser pagos a 30 reis por linha, repetição 20 reis. As correspondencias serão dirigidas ao Redactor Principal deste Periodico, que as receberá vindo francas de porte, e as publicará, querendo, vindo legalmente reconhecidas por Tabellião desta Comarca, mediante o preço de 30 reis por linha, e não contendo materias em opposição ao nosso Programma.

ASSIGNATURA,
(Com estampilha)
Por anno 2\$930
" Semestre 1\$560
" Trimestre 850

AVISO.

Tendo-se muitos dos Srs. assignantes descuidado de mandar satisfazer a esta redacção a importancia de suas assignaturas, somos obrigados a lançar este aviso para despertar suas lembranças.

GUIMARÃES 20 D'ABRIL.

TEM causado algum panico, e é objecto de conversação as ordens expedidas pelo ministerio dos negocios ecclesiasticos, e de justiça para saber o numero das religiosas professas, que existem em cada um dos conventos, e ainda mais por se lhe seguir o designio de inventariar todos os bens pertencentes a estes conventos, não faltando quem pense, que taes medidas importam a sua alienação tornando a existencia das suas actuaes possuidoras dependente d'uma prestação proporcionada e analogá á dos egresos.

Não somos nós do numero d'aquelles, que assim pensam; bem pelo contrario acreditamos, que estas medidas são uteis, e proveitosas não só aos direitos da fazenda nacional que um dia delles hade dispôr, como cousa sua, mas tambem para o ministro poder com conhecimento de causa assegurar a estas senhoras religiosas

a decente sustentação de que caressem, sem assim melhor os fins para que taes rendimentos se verem obrigadas a tocar o sino na forma que elle annuncia a supplica de soccorro.

Não ha hoje uma unica pessoa, que não conheça a imprudencia, e desacerto, com que os bens dos extinctos conventos, que comprehendiam os mais bellos e ricos predios deste paiz, foram postos em almoeda, (sem attenção ao tempo, lugar, e modo) e entregues por preço vil nas mãos de certos aventureiros, que menos escrupulosos, e temoratos disfructam hoje a riqueza, com que, d'ahi a 6, ou 8 annos, dividida, e posta em praça nas proprias localidades, ou administrada, se poderá ter pago a enorme divida, que carregava, e ainda carrega sobre Portugal; ao passo que os seus antigos possuidores, prestacionados pelo thesouro nacional, se tem visto em certas epochas obrigados a mendigar, para não morrerem de fome!

Este exemplo está muito recente para que qualquer ministro deixe de o ter em vista lembrando-se de o querer renovar — E' util e necessario, que o governo saiba o numero de freiras que existe em cada um dos conventos e seus respectivos bens, e rendimentos; porque resolvido, como está, que taes bens são, ou tem de ser pertencas da fazenda nacional, só elles se podem liquidar com exactidão, ou pelo menos com menor fraude em quanto existem as religiosas, que delles estão de posse e dos titulos porque os possuem: não nos parecendo tambem justo e razoavel, que debaixo d'aquelle principio, esteja um convento rico, se o ha, sustentando 4, 3, 2, ou 1 freira, quando 12, 15, ou 20 se sustentam em um pobre, podendo aquelle suprir as faltas deste preenchendo

assim melhor os fins para que taes rendimentos foram applicados, ou doados.

Não nos admiramos pois de taes medidas, ou por forma alguma as queremos vituperar, antes louvamos o ministro, que assim se interessa pelos bens da nação; e que, no meio das maiores fadigas ministeriaes, se lembra destes entes pouco ditosos, que tendo despresado as vaidades do mundo em que habitam, vivem como contemplados pelo governo no numero dos mortos: o que nos admira, e espanta, é, que para inventariar os bens dos conventos das religiosas, seja necessario, que o ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça vá á camara dos deputados pedir uma verba complementar de seis contos de reis para levar a effeito esse inventario!

Se se tratasse d'um inventario letigioso, sobre o qual tivesse de recahir uma sentença quer para assegurar estes bens á propriedade, e dominio do thesouro nacional, quer para designar a sua premanente applicação ao sustento de cada uma das religiosas, claro estava, que eram necessarios os seis contos, por que os serviços dos homens formados, e seus adjuntos, não podem deixar de ser compensados, nem elles gostam de encontrar espinhas em seus precalços; porem nós estamos convencido, de que esta operação não é muito da competencia dos Juizes de Direito, por que a julgamos, e cremos puramente administrativa, e então feitos os inventarios perante os governadores civis, e administradores de concelho, que por ora podem deixar de ser formados, em quanto se lhes não arbitram lautos e pingues ordenados, e emolumentos, escusados eram esses seis contos de reis, com se vai so-

CARTA D'ANASTACIO, DEPUTADO EM LISBOA; A SEU COMPADRE LIMA, MESTRE SERRALHEIRO EM GUIMARÃES.

MEU compadre, ando corrido,
Ando mesmo envergonhado!
Tendo o prazer amargado,
De vir Lisboa gozar,
E Braga representar!

Ai, que scena, meu compadre!
No centro d'um parlamento!
Que conspicuo ajuntamento!
De nem sei que ia a dizer,
Pois nem o sei descrever.

Os deputados são estes,
Que uma Nação elegeu?
São a quem o poder deu,
De em côrtes irem cuidar
Da sorte lhe melhorar?!

E serão estes, acaso,
Os chamados liberaes!
Querirão com scenas taes,
Que prospere em Portugal.

Um governo liberal?!

Ha-de iada de mais, a mais
A pobre Nação pagar,
Para aqui virem tratar,
Não de leis que sejam boas,
Mas de nomes e pessoas?!

Trazer a tudo o passado,
Não se curar do presente;
Em lugar de seriamente
Tratar-se d'uma questão,
Só pôr chufas em acção?!

Um; por qu'è regen'rador,
(Embora probo e honrado)
Passa por excommungado;
E tido por homem tal,
Que até mesmo cheira mal!

Outro; que se diz cartista,
(Seja embora homem de bem)
Oh! que cara, que não tem!
Quem por elle se roçar
Ha-de empestado ficar!

Outro; por isso que historico,
(Honrado seja igualmente)

E' um pantufo, um demente,
E, por muita caridade,
— Uma grande nullidade!

Outro, porque é puritano,
(Embora tambem honrado)
Um caracter é safado,
Uma firma sem valor,
E', fallando, um massador!

Outro, por que é moderado,
(Embora probo e cordato)
E' um capacho um donato;
Qué quer ensinar as gentes,
A curar com panos quentes!

E desta sorte, compadre,
Uns aos outros se cortejão!
Muito embora amigos sejão,
Vindo a pello uma verrina,
Logo a rebecca se affina.

Ah! Portugal, Portugal!
Bem melhor sorte mer'cias!
Se em lugar destas folias,
Olhassem p'ra ti de veras,
Como nas passadas eras.

brecarregar um povo, que já não pôde com a demasiada carga que tem.

Ao ministro dos negocios ecclesiasticos cumpre promover a decente sustentação do clero; cumpre indicar mesmo as quantias que julga necessarias a cada uma das classes ou hierarchias; mas os meios de a realizar são estranhos á sua repartição. Ao menos assim o entendemos.

J. I. d'Abreu Vieira.

O *Clamor Publico* no seu numero 158 de de 18 do corrente mez nos assegura, que effectivamente vai ser querelado o n.º 151 de aquelle Jornal, por que a *Relação do Porto* d'elle se aggravou.

As nossas barbas ficam de molho, com quanto não possamos acreditar, o que o nosso collega positivamente affirma.

Se os abusos da liberdade de imprensa fossem julgados pelos juizes de direito de segunda instancia sem intervenção do jury, por certo nos vestiríamos de luto pela sorte do collega, e iríamos arrastando para a cabeceira da nossa cama a tunica do condemnado; mas escudados com a Carta Constitucional, que ainda não foi sophismada neste caso, não podemos acreditar, o que nos affirmam.

A *Relação do Porto*, como corporação, como tribunal, está condemnada pela opinião publica, e se alguns dos seus membros estão exemptos de mancha, são estes tão conhecidos, e distinctos, que essa mesma opinião os não confunde. Estes, estamos certo, seguros de suas consciencias, não ousarão queixar-se, e aquelles, fazendo um esforço para encobrir as nodoas, só verão em resultado fazel-as mais patentes—A prudencia manda ouvir e calar—Quem não quer ser lobo, não lhe veste a pelle.—

J. I. d'Abreu Vieira.

Tu serias respeitado,
Terias moralidade;
Sendo só auctoridade,
A gente honrada e bem quista,
Fosse *Setembro* ou *Cartista*.

Porem hoje o grande meio
De conservar um logar,
E' ter sabido ganhar,
Por seu valor immortal,
Um combate eleitoral!

Embora se torça a lei,
Se commetta um despotismo,
São actos só d'heroismo!
Tem logar, e tem *commenda*,
E muita cousa que renda

Inda ao menos alguns d'estes,
São pais d'alguns deputados;
Mas outros, tão desgraçados,
Que só viram a acção perder,
Levando sova a valer

Pelas muitas *sympathias*,
Que os seus *bons actos* lhe dão,
Porque diabo inda estão
A servir impunemente,

(APEDIDO)



UMA LEMBRANÇA DE SAUDADE!

A' morte da exc.^{ma} snr.^a D. Maria do Carmo Monteiro Gomes, esposa do ill.^{mo} snr. José Maria Gomes, commandante do batalhão de caçadores 7.

I.

— Ao longe lá descanta o som da morte!
O bronze funeral pergunta aos echos
P'ra onde fôra a existencia idolatrada
D'um seraphim do céu, rosa d'encantos! . . .
Que a sós aqui deixára n'este exilio
O terno o misero espozinho inconsolavel! . . .
— Ao longe lá descanta o som da morte!
Bandeiras marciaes cobrem de luto
As armas melancólicas «sombrias»
Que dizem 'num accento d'amargura—
— Morreo . . . morreo alli entre saudades!
Fugio d'este desterro entre um sorriso!
— Ao longe lá descanta o som da morte!
Os crepes tão funéreos desenrolam
Sudario atterrador de desventura,
E fogem contristados para os êrmos . . .
Mostrar em tristes cantos a tristeza
Que punge seu amor em duras magoas.
— Ao longe lá descanta o som da morte!
As armas dos guerreiros cabisbaixos . . .
Inclinão para a terra os ferreos canos,
E buscão 'num segredo demonstrar-lhe
A dôr que d'insensiveis as compunge,
A dôr que lhes impõe silencio funebre!
— Ao longe lá descanta o som da morte!
E tudo se lamenta e se entenece,
E em lagrimas procura no sepulchro
Deixar uma lembrança de saudade!
E o mundo e a natureza, e o universo
Só rompe em tristes prromptos dolorosos.
— Ao longe lá descanta o som da morte!
Que alem sumira a campa do infortunio
Um anjo de pureza e de candura
Deixando aqui no peito entre saudades,
A dôr, a desp'rança, a negra magoa,
A solidão cruel da desventura.

Mofando de tanta gente?!
Deste modo é que o governo
Querera acreditar-se,
E julgará sustentar-se?!
Ah! compadre, eu inda herro,
— Mais moral, e menos ferro. —

Mais moral, castigo ao crime,
Soffra o vicio, e a corrupção;
Dê-se um premio, e galardão,
Ao empregado que for,
D'esse premio mer'cedor.

Mas eu não sei, meu compadre,
Quando tal bem se verá . . .
Nos meus dias não será;
Que a presente geração,
Inda é toda d'ambição.

Em muito breve um projecto
Hei-de á cam'ra apresentar,
P'ra d'uma vez acabar,
Com medonhos tribunaes
Que capricham de venaes!

Aonde quem tem padrinhos,
E relações procurar,

II.

Chorão todos duras lagrimas,
Todos 'stão a prantear!
Sua dôr é tão amarga,
Que lhes rouba esse chorar!
Quem os visse assim pungidos,
E de dôr enternecidos,
Choraria alli tambem!
Pediria ao ceo gemidos,
Tristes echos doloridos,
Tristes accents d'alem.

Pediria ao ceo gemidos
Ou esp'ranças d'um sorrir! . . .
Para alli sanar a magoa
De tão funebre carpir!
— Mas se Deos um anjo chama,
He que sente alli a flama
D'esse amor «proprio de Deos» . . .
He que quer ornar a gloria
Com o archapjo da victoria,
Com um louro «só dos céos.»

III.

E o pobre, que geme nas dôres afflicto,
Que vio fenecer-lhe a esperança do amor!
Apontem-lhe aqui neste exilio d'espinhos . . .
Um termo aos suspiros—conforto na dôr! . . .

Só Deos, que nos busca no meio dos prantos,
Allivio querido nos pôde outorgar! . . .
Os homens . . . são nada, se querem prazeres,
— Se querem sorrisos—em lédo folgar! . . .

Mas isso que importa, se o instante da vida
Tão prestes fenece, qual sonho «a fugir? . . .»
Oh! tudo no mundo mesquinho é ephimero!
Oh! tudo se murcha 'num triste sorrir!

Adeos! eis o brado que dizem felizes—
— 'A'quelle cadaver, que alli se escondeo!
Mas esses, que esperão, levantão a mente
Num pobre gemido—á ventura do ceo! . . .

Por tanto não chores a espoza querida!
Procura-a nos anjos sorrindo ao prazer!
Não penses que a vida succumbe ao jazigo—
— Que alli tudo finda no eterno morrer.

Alem do sepulchro—revive uma esp'rança
'Na cruz arvorada, 'naquelle pendão . . .

Pode dormir, socegar,
Que sahe puro, immaculado,
Probo, e honesto, o mais honrado.

Porem hajão *vias ferreas*,
Tudo o mais são frioleiras
São coisas tão passageiras,
Fôra da moda e do *tom*,
Que nem merece attenção.

Eu quero melhoramentos,
Quero estradas e canaes;
Quero porem inda mais,
Que se espalhe na Nação,
— Moralidade, instrucção.

Aqui tem o que eu entendo
E deste voto ha-de estar,
Quem deveras desejar,
Vêr a sua patria amada,
Sabiamente governada.

Adeos, compadre, de certo
Terei em breve o prazer,
Do meu afillhado vêr,
Gozando nesse momento,
Um grande contentamento.

Abafa os suspiros, não tens um sorriso,
Más tens a saudade 'no teu coração!

Guimarães 15 d'Abril de 1857.

Francisco A. Fernandes da Fonseca.

N. B. O author desta poesia, filho desta cidade, é um joven, que apenas contará 17 annos, e que frequenta os estudos preparatorios em Braga. Não queremos arvorar-nos em juiz por que não estamos em tempo disso.

INTERIOR.

MACAU.

Hoje, 11, embarcou no arsenal da marinha, pelas 8 horas e meia da manhã, a força que vai reforçar a guarnição de Macau: passou-lhe revista o sr. ministro da marinha: compunha-se de 231 praças, gente boa, bem vestida, e armada: é a 1.^a vez que Macau verá tão avultado numero de soldados europeus! As noticias vindas d'ahi na malla, que chegou ha 2 dias, são até 7 de Fevereiro: dão o estabelecimento tranquillo com muita affluencia de commercio e de gente, que lhe chega de todas as partes: esperava-se alguma força indigena de Góa, que o governador de Macau com anciedade tinha pedido ao da India.

Dia de grande contentamento para Macau será o da chegada dos portuguezes, que hoje depois do meio dia deveriam deixar o Tejo. O mar e o ceu lhes sejam propicios! — G. . . . P.

(Revolução de Setembro)

Não foi só Macau, que foi reforçado com gente de guerra, tambem o foi Moçambique com um corpo de tropa inferior ao daquela cidade, que embarcou a bordo da fragata *Dom Fernando* com perto de 200 degradados.

Dizem alguns jornaes, que a exc. ma snr.^a viscondeza d'Almeida Garrett, viuva do fallecido par do reino, e insigne poeta e orador o visconde do mesmo titulo, deixando as grandezas, e vaidades deste mundo, professará em Pariz, aonde vivia, ha muitos annos, na ordem de S. Vicente de Paula — E' mais uma irmã da caridade.

No periodico *Doze d'Agosto*, que promove os interesses dos officiaes convencionados em Evora Monte, e não comprehendidos no dec. de 23 d'Outubro de 1851, lê-se o seguinte, escripto em 13 deste mez.

A' ULTIMA HORA.

« O sr. presidente do conselho de ministros acaba de declarar-nos do modo mais positivo que a sua opinião é, como tem sido sempre, que o governo deve attender á pretensão dos officiaes não comprehendidos no dec. de 23 de Outubro de 1851.

« Que o governo não tem podido até agora tractar essa pendencia, e leval-a ás camaras por motivos imperiosos. »

« Que nos promettia leval-a esta semana a conselho de ministros, para alli ser resolvida, como a justiça o pedia. »

O sr. marquez de Loulé é demasiadamente cavalheiro para nem sequer se poder imaginar, que s. exc.^a possa faltar á sua palavra!

A. Coutinho.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Ainda que pese aos nossos retrogrados, não podemos deixar de dar hoje esta importante noticia: — Lord Palmerston obteve uma victoria completa na batalha eleitoral que acaba de ferir-se na Gran-Bretanha. Para que os nossos leitores façam um juizo mais exacto da luta, aqui lhes damos uma carta de Alexandre Dumas, escripta no 1.^o do corrente, de Londres, ao jornal francez a *Presse*, devendo notar-se, para melhor se apreciar, que nem mr. Dumas nem a *Presse* são demasiado favoraveis á politica do actual presidente do gabinete inglez:

A carta termina assim:

« Para bem avaliarmos a injustiça do ataque contra um ministerio, cujo chefe, por tantos titulos, devia ser popular, será preciso fazer conhecer as circumstancias que lhe deram o ser.

« O gabinete Derby era impopular.

« O gabinete de lord Aberdeen, que nos momentos mais decisivos, denunciou falta de coragem, era impossivel.

« A opinião publica designava um unico homem capaz de compor um ministerio que fizesse face ás circumstancias.

« O paiz inteiro o chamava.

« Esse homem, era Lord Palmerston.

« Infelizmente, este homem não era sympathico á rainha, que tomou a serio a reputação de radical, que elle teve a habilidade de se crear.

« Ella mandou chamar Lord Derby, que sentindo-se pouco apoiado pela opinião publica, não usou organizar o gabinete.

« As audiencias que a rainha deu no mesmo intuito a lord John Russell não tiveram um resultado satisfactorio; forçoso foi, pois, á rainha, que havia reconhecido a impossibilidade de outros estadistas, recorrer ao unico homem possivel, a lord Palmerston.

« Tomou a direcção dos negocios no momento em que elles estavam mais difficéis. A guerra tinha sido declarada contra uma potencia que se haviam habituado, havia quarenta annos, a considerar um colosso. Nada estava preparado para esta guerra: a Inglaterra não tinha, como nós, essa especie de escola de Marte que se chama Algeria, ha perto de meio seculo, estando em paz com todas as potencias europeas, occupada unicamente do seu commercio; os arsenaes, os officiaes, os soldados, tudo faltava.

« A's tropas enviadas faltavam vestuario, abrigo e pão; succumbiam á miseria e ás molestias. Os cavallos, separados por uma distancia de perto de mil e duzentas leguas das suas forragens, que não os poderam acompanhar por falta de vehiculos, morriam com os seus cavalheiros.

« Era mister crear tudo.

« Lord Palmerston creou tudo.

« Reorganizando uma administração defeituosa, inspirando a sua coragem moral a um exercito exausto, levantando a energia ao paiz, conduzindo esta formidavel guerra a um glorioso desfecho, podia aspirar ao reconhecimento da nação.

« Teve a maioria da camara contra si.

« Lord Palmerston comprehendeu que, nesta occasião a maioria da camara dos commons não era a maioria do paiz; appellou para o povo, e o povo respondeu já a estas horas ao appello por uma formidavel maioria, mais formidavel talvez do que o desejava o liberalismo limitado do nobre Lord.

(Nacional)

Um despacho de Roma de 4 do corrente, diz que o Papa promulgara um decreto authorisando as corporações religiosas do mundo ca-

tholico a subscrever em seu nome, e com os fundos das suas comunidades, para os caminhos de ferro romanos.

Dizendo Pio IX. que a sua idade era um obstaculo para effectuar a sua viagem a Pariz, M. Menjaud lhe respondeu que o Imperador, apesar de tudo, conta com elle, em vista das seguranças que S. Santidade deu a monsenhor Morlot, ha cousa de tres mezes.

O Papa replicou que aquelle prelado tinha interpretado como um consentimento definitivo algumas expressões, que precisamente não tinham esse caracter.

O capellão do imperador ao ouvir ao Papa, que por causa da sua idade não podia satisfazer os desejos de Napoleão, apesar da sua boa vontade — perguntou-lhe se transportando-se o imperador a Roma, S. Santidade o consagraria.

Pio IX., estando a questão neste terreno, não era facil que se negasse, e consentiu.

O ultimo imperador coroado em Roma, foi Frederico 3.^o, por mão de Nicolau 5.^o, no anno de 1451.

(B. Tisana.)

Marselha, 7.

A Austria participou para Constantinopla o rompimento das suas relações com o Piemonte.

De Napo^les dizem que os embaixadores da Russia, H^ospanha e Austria se retiraram com licença.

O governo turco encomendou para Inglaterra quatro vapores destinados á policia interior do Danubio.

Londres, 6.

Dous vapores da esquadra ingleza tiveram um recontro com setenta jumos chinezes. Os chinas soffreram uma mortandade horrivel; um dos jumos foi mettido a pique e morreram 2,000 homens nelle.

O mandarim Yek, em virtude de instrucções de Pekin, mostra-se mais favoravel á paz. Mandou prender e castigar alguns chinas que tinham saqueado uma factoria americana.

(Clamor Publico)

Dizem de Roma em 3 d'Abril:

A actividade desenvolvida nos trabalhos de construcção dos caminhos de ferro romanos; o interesse que n'isso toma S. Santidade e todo o clero, tem dado um impulso, até hoje sem exemplo, em toda a população dos Estados da igreja.

O conde Antonelli, director do Banco, fez affixar nas principaes cidades dos Estados pontificios, editaes de grandes dimensões, que indicam os escriptorios abertos na Italia para receber as subscripções. A multidão agrupa-se com curiosidade ao redor destes editaes, que a chamam a uma crusada industrial e toda pacifica.

E' uma nova era que começa para a Italia; e S. Santidade, no decreto, pelo qual authorisa as comunidades religiosas a empregar seus bens em compras d'acções ou obrigações dos caminhos de ferro romanos, e na carta do ministro chamando o concurso do clero e das comunidades religiosas do mundo catholico, prova que, longe de ser hostile aos progressos industriaes, quer ao contrario levar ahi seus subditos e procurar-lhes assim o bem estar que trazem á humanidade as novas descobertas.

HESPAHNA.

Parece que em consequencia do governo descobrir uma vasta conspiração carlista, foram presas no dia 11 em varias provincias 400 e tantas pessoas. Em Madrid, o numero dos presos é de 26, muitos delles ecclesiasticos, entre os quaes se contam os padres Ruiz e Carnicer, muito conhecidos em Madrid.

Tinha circulado a noticia de que alguns personagens mexicanos se dirigiram ao conde de Montemolin, instando-lhe para tomar parte

na empresa de formar no Mexico uma monarchia, á frente da qual se poria o ramo proscrito da familia real de Hespanha. A principio não se deu importancia a este boato, e por tanto não se publicou; porem ha quem insista n'elle, pois segundo parece, um periodico de Bilbau publicou um artigo sobre aquella republica propondo a creação d'um throno, que se confiará a D. João de Borbon, irmão de Montemolin.

Ultimamente expediu-se uma real ordem para que se não especiem exhortações ás autoridades portuguezas para o embargo ou sequestro dos bens de subditos portuguezes processados em Hespanha; e que reciprocamente se não dê cumprimento ás que de Portugal se remetam a Hespanha para a execução do dito embargo ou sequestro em bens de subditos hespanhoes. (Braz Tisana.)

LOCAES.

— *Mais uma supplica.* — Pelo decreto de 19 de Março findo com relação ao de 19 d'Abril de 1855 está a camara municipal deste concelho auctorizada para requerer a annullação das verbas de contribuição predial na parte, relativa, ao rendimento do vinho, seguindo o processo até se verificar a referida annullação. — Pedimos por tanto a ill.^{ma} camara, que, para evitar milhares de requerimentos, ou reparar a ignorancia de quasi todos os seus administrados, que nem sequer ouviram fallar em taes decretos, tome ao seu cuidado o requerer em nome do concelho, fazendo-lhe assim uma graça, e serviço.

— *Aviso aos lavradores* — Temos annuciado neste periodico diversos remedios indicados para curar o mal das vides, e hoje publicamos a venda da *Memoria* que o exc.^{mo} sr. barão de Forrester fez imprimir para este fim; recordamos aos lavradores, que o primeiro periodo para a applicação do remedio está chegado, e com elle o tempo, pelo menos de se fazerem experiencias.

— *Elogio insuspeito.* — Os elogios prestados ao novo orador sagrado o reverendo e illustre Sebastião Leite, por J. J., V. de P, e pelo bem conhecido Facalhão, ou Padre... que tanto disparata (!!!) são suspeitos, segundo o Monje da Costa no n.º 183 do *Bracarense*, e exagerados, como oriundos da paixão « amizade » — Não succede comtudo o mesmo, ao que lhe tece o dito monje, que, sendo amigo, reconhece os seus defeitos, e os publica com severidade, para desviar de si a responsabilidade no futuro credito do novo ministro do altar.

« Estou convencido, diz o monje da Costa, que se o sr. Leite ouvir os melhores oradores que temos, e os quizer imitar, COMO LHE PERMITTEM SUAS FORÇAS, hade emendar muitos defeitos que tem, e vir a ser um bom orador. »

O amigo escrupuloso, dos muitos defeitos, só especifica a affectação (a que outros dão o nome de « pureza de linguagem » e não aponta um só nas regras, que prescreve Marco Fabio Quintiliano; do que podemos colligir: que os outros defeitos são todos estranhos á oração — andar com os bicos dos pés um pouco inclinados para fóra; subir o primeiro degrau para o pulpito com o esquerdo, e não com o direito, não se assoar com som de clarim; principiar o discurso sem medir duas ou tres vezes a egreja desde a porta até á tribuna com sobranceiras carregadas sobre os olhos; e outras formalidades dos nossos melhores oradores. — De sorte que, livre o sr. Leite destes defeitos, querendo, tem forças para imitar os melhores oradores!

Tanto não disse o J. J. fallando com paixão!

O J. J. disse, e diz — A' vista dos genios, que temos visto (talvez aqui fosse comprehendido o reverendissimo monje) e vamos vendo no pulpito, Guimarães não está longe de tornar aos tempos etc.

Quem não está longe, está perto; mas, o que está perto, ainda não chegou.

O elogio do monje é maior, e mais valioso por ser insuspeito.

— *Festividade.* — Ontem terminou a novena, e teve lugar a festividade dos Prazeres de N. Senhora no convento, e egreja das religiosas da Madre de Deos. Tanto na novena, como nas vesporas, e dia festejado foi tudo feito com aceio e grandeza e com grande concorrência de fiéis. Poderíamos dizer alguma coisa dos sermões; mas sobre este assumpto não pôde fallar-se.

— *Enigma.* — Diz o Zé Pereira em uma correspondencia no « Vimaranesense », que em Guimarães se acha installada uma associação intitulada = Associação Promotora de Sympathias e Elogios =

EXPLICAÇÃO.

E' uma sattia aos elogios feitos ao sr. Sebastião Leite pelos seus sermões do Calvario, e Enterro, e com especialidade, aos que se lêem no mesmo « Vimaranesense » na sua folha de 30 de Março, n.º 39, no noticiario. debaixo da epigraphe = Novo orador. =

Nós logo notamos, que o nosso collega era tambem amigo apaixonado, principalmente quando, para mostrar a avidez, com que o sr. Padre Sebastião Leite desejava ser ouvido, foi metter ametade de Guimarães dentro da egreja de S. Francisco. Para cima de quatro mil pessoas!... (Santo Deos!) Comtudo nós, que tambem somos amigo apaixonado fechamos os olhos, e deixamos ir; porem nada fescapa aos olhos do monje da Costa, e do Zé Pereira, que são amigos desapassionados.

— *Casamento.* — O ill.^{mo} sr. João José de Souza Aguiar, negociante desta cidade unio-se pelo Sacramento do matrimonio com uma filha do ill.^{mo} sr. Antonio José d'Almeida, tambem negociante, a sr.^a D. Anna Maria de Bellem Almeida. Desejamos, que vivam unidos longos e venturosos annos.

A Direcção da Associação Industrial Portuense, tendo celebrado a abertura e inauguração da sua exposição permanente, tem resolvido abrir a primeira exposição ordinaria annual no 1.º domingo do mez de Junho deste anno, como vigoroso impulso ao aperfeiçoamento da produção industrial do paiz, e espera ser coadjuvada neste seu empenho por-todas as pessoas desta cidade, e concelho, que a esta queiram concorrer com os productos da sua industria, dirigindo-as ao largo do Corpo da Guarda n.º 106, da cidade do Porto até ao dia 15 de Junho proximo, na certeza de que a Direcção empregará todos os meios ao seu alcance para a guarda e segurança dos productos expostos, a fim de evitar algum damno aos expositores.

N'esta cidade foi pela mesma Direcção nomeada uma Commissão a fim de coadjuvala n'aquelle empenho, a qual é composta dos seguintes ill.^{mos} srns :

Presidente,
O doutor Bento Antonio d'Oliveira Cardozo.
Vice-presidente,
O doutor Antonio Alves Carneiro.
Secretario,
O doutor Gaspar Leite Ferreira Leão.
Vogaes,
José Sebastião de Menezes.
José Furtado do Valle.
Christovão José Fernandes da Silva
Antonio José de Mattos Chaves.
José Custodio Vieira.
João Antonio da Silva Areas.

Antonio da Costa Guimarães.
D. Anna Maria, e marido, João Bernardino Couto.

Guimarães 16 d'Abril de 1857.

O socio correspondente d'Associação Industrial Portuense.

Antonio Soares Mascarenhas.

Publicações Litterarias.

A MEMORIA.

Pelo exc.^{mo} barão de Forrester (annunciada em 27 do mez passado) — sobre o curativo da molestia das vinhas — acha-se á venda na typographia commercial, rua de Bellomonte n.º 74. E' ornada de duas estampas, e custa 240 rs.

N. B. O author offerece este opusculo aos vinhateiros de Portugal, e permite a sua reimpressão a quem a quizer fazer.

ANNUNCIOS.

Quem quizer comprar uma morada de casas de dois andares com quintal e poço, dizi-mas a Deos, sitas na rua da Caldeiroa, falle com Francisco José Mendes, ourives, morador na mesma. (121)

PARA O RIO DE JANEIRO
Sahirá da cidade do Porto logo que esteja prompta, e o tempo permitta, a BARCA BRASILEIRA.

HIDRA.

Recebe passageiros, ainda mesmo a pagar lá, se lhe derem fiador á passagem.

Tracta-se na dita cidade, praça de Santa Thereza n.º 37, com Caetano José Ferreira, que se obriga a sustentar os passageiros de fóra, desde o dia marcado para embarcarem.

Precisa um Facultativo.

(107)

9:000\$000

Na Praça do Toural, na loja de Antonio José d'Almeida, vendem-se bilhetes, meios ditos, quartos e cautellas da Loteria de Lisboa. (99)

GUIMARÃES:

Typ. de Francisco José Monteiro.
Rua da Caldeiroa n.º 32.